

Resenha

**Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**  
(MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). Fortaleza: Edições UFC, 2010. 139 p.)

Alessandro Wilson Gonçalves Reinaldo FERNANDES<sup>1</sup>

Na tentativa de compreensão desse gênero midiático que é o Fanzine, temos esta obra recém-lançada e intitulada *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si*. Organizada pela pesquisadora na área de Educação, a Cellina Rodrigues Muniz, o livro já tem seu caráter próprio e digamos dissonante com as poucas obras referentes ao universo do Fanzine no campo acadêmico. Primeiro por nos trazer uma plurissignificação de um mesmo tema em questão, como já tido, o Fanzine.

Este fenômeno de estudo é visto nessa obra por diversas áreas do conhecimento que beiram desde a História, Comunicação, Pedagogia, Letras, Educação Artística e Psicologia; tendo assim uma ampla visão sobre o mesmo foco de pesquisa. Antes, convém explicar o significado do termo Fanzine. Trata-se de um neologismo constituído pela junção dos termos em inglês *fanatic* e *magazine*, ou seja, revista feita pelo(s) fã(s) de algum determinado assunto, para outros fãs. O primeiro fanzine de que se tem notícia surgiu na década de 30, através do gênero de ficção científica, sendo que os fanzines tiveram seu auge na década de 70 com o surgimento do movimento punk e o lema "do it yourself!" (ou, faça você mesmo!).

Voltando a obra, é muito difícil definir o que para muitos pesquisadores é indefinido ou até muito amplo para se amarrar a uma determinada característica ou outra. Porém, é notória a importância que o livro traz em dar explicações através de diversas visões sobre esse fenômeno da imprensa independente. O livro, que como já dito, trata-se de uma organização de artigos, conta com sete textos sobre o assunto.

Antes dos artigos temos uma introdução, que vem explicar ao leitor a obra bem como o tema; escrito pela própria Cellina Rodrigues Muniz, doutora em Educação, e o José Gerardo Vasconcelos, Pós-doutor em Artes Cênicas e organizador da coleção

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC/UFPB). Integrante do Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games - GP-HQG.

*Diálogos Intempestivos* da qual esta obra faz parte. De início já temos a problemática lançada em trazer, ou relembrar essa escrita tornada pública como um embate entre as normas da língua culta e a recriação de novas normas nesse meio de divulgação. Há sempre uma preocupação introdutória em ver o fanzine como algo livre de amarras, mas que óbvio, é algo necessário a ser compreendido.

No primeiro artigo, ainda a cargo da Cellina, e intitulado *Na desordem da palavra: fanzines e a escrita de si*. É colocada em análise a invenção de si através da escrita de conceitos ditos ousados, partindo de um estudo de caso sobre o fanzine cearense PalavraDesordem. Sob uma óptica foucaultiana, é entendida a subjetividade como uma “constituição tensa que se dá tanto pelo exercício de práticas de sujeição quanto de práticas de resistência” (p.25). A invenção do eu através do fanzine é implicada na capacidade de sermos afetados por algo exterior e resignificar todos esses acontecimentos em expressão, em ação.

Elydio dos Santos Neto, com formação na área de Educação, e Gazy Andraus, doutor em Comunicação, ambos especialistas conhecidos na área de fanzines e quadrinhos. Através do artigo intitulado *Dos zines aos biograficzines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria*; trazem um dos textos destacáveis na obra, pela originalidade no desenvolvimento de um novo termo dentro do gênero Fanzine, os Biograficzines.

Através de experiências pedagógicas tem-se a problemática de construção do eu através de fanzines autobiográficos, uma relação dialógica da experiência social para o individual que reflete novamente ao social recriando novos conceitos relacionais na sala de aula, a qual a proposta do artigo se liga. Essa parceria de ambos os autores, que se focalizaram nesse método pedagógico com alunos do mestrado, sem dúvida traz novas origens autorais ao campo dos fanzines.

Em *Subjetividades de papel*, de autoria do Tiago Régis de Lima e Luciana Lobo Miranda, ambos com formação em Psicologia; traz num artigo de 18 páginas através de uma análise foucaultiana, além da utilização de outros autores como Deleuze e Certeau. Uma abordagem na problemática de como a maneira de “subjetivação intimamente ligados a uma cultura zínica no contexto de uma cidade, é atentar as minúcias, às diversas práticas cotidianas, ou ainda a ‘maneira de fazer’.” (p.52). É focado, através do

estudo sobre um encontro de fãs do gênero no Ceará, o Zine-se. Trata-se de experiências cotidianas na construção de um diário (ou fanzine) ordinário de vida, da construção de si, e a interpretação dos arranjos coletivos vividos no espaço urbano.

Dando um caráter mais diverso a obra, *A escrita como guerra: ética e subjetivação nos fanzines punk*, de autoria do historiador Everton Moraes; traz uma tentativa de construir teoricamente o que é o fanzine punk, e quais as suas diferenças perante aos demais do mesmo gênero de uma maneira geral.

Observa-se o ato de colocar em prática, através da escrita de si, as angústias, inquietações e ódio provocados pelo convívio cotidiano. A escrita punk, aliada a vanguarda que a partir do século passado teve seu papel importante na juventude, vive numa luta interna entre a construção do ser individual e contra o individualismo da vida. Uma manifestação incentivada pelo “sofrimento que atinge a existência daquele que escreve” (p.70), e assim construindo seu papel de luta.

A preocupação do Everton, é colocar em pauta nesse artigo uma cultura punk, seja zínica, ou do próprio movimento, como autocrítica de si. Os fanzines punk como uma “infinidade de práticas de liberdade” (p.79). Ou seja, a constante autocrítica é a representação do caos que estará sempre em voga, num movimento e destruição e reconstrução de conceitos.

Entre as *Ressonâncias no meio do caminho e/ou no caminho dos meios: a poética infame dos fanzines*, a cargo do historiador Demétrios Gomes Galvão; temos uma fuga da óptica central da histórica para o estudo dos grandes e desconhecidos meios periféricos, no caso o fanzine. A grande questão colocada é de que há possibilidades de pensar a “história a partir de um suporte que não se tem como fixo ou instituído, e que se monta a partir de fugas e de golpes?” (p.83).

Para isso, tem-se a compreensão de um meio que não se configura entre as normas de uma comunicação convencional, já estabelecida a senso comum. Mas um formato que “deforma e ressignifica” (p.85), que produz uma diferença entre muitos, e que não se limitam em apenas acumular signos.

Esse fazer historiográfico, sem um método convencional, mas nem por isso menos importante, é constituído através de práticas variadas. Composições difusas e ainda não realizadas, mas que se misturam e inventam uma linguagem própria. Fugindo

assim, como é explicitado no texto, de padrões hierarquizados que a história acaba muitas vezes impondo.

A Fernanda Meireles, especialista em arte-educação e grande ativista na criação de fanzines, inclusive citada em outros artigos dessa obra; traz o que poderíamos chamar de um ensaio: *Zines em Fortaleza (1996-2009)*. Mas nem por isso deve ter seu mérito rebaixado perante os demais, pelo contrário, aos pesquisadores e pretendentes futuros que querem se enveredar por essa área, esse texto é sem dúvida fundamental para compreensão na prática do fazer zínico.

Trata-se de um relato pessoal da mesma sobre a construção zínica na cidade de Fortaleza, Ceará, ou o que ela intitula de Cidade Solar. A mesma consegue construir um mapa genealógico sobre a formação dos fanzines em diversos espaços da cidade, bem como ocorre o processo dos mesmos. Em um relato que consegue prender o leitor a uma “teia imensa e feita de fios visíveis e invisíveis. Só aparentemente frágeis.” (p.120), completa a autora com o significado de um coletivo zínico: “A gente só se completa quando se mistura. E estamos todos juntos nessa.” (p.120).

O último artigo dessa obra, a título da pedagoga Ioneide Santos do Nascimento, é intitulado *Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico*. O mesmo traz a sensibilidade de perceber o fanzine através de experiências pedagógicas que a autora teve com estudantes do Ensino Fundamental.

Sem dúvida um trabalho importantíssimo, já que casa a teoria com a realidade, a práxis, para a construção de uma nova realidade educativa. O fanzine é utilizado como uma nova maneira de condução ao “aprendente a uma nova percepção do mundo” (p.121). São levados em conta diversos obstáculos, muitas vezes até iniciais, como o questionamento de grande parte sobre o que é fanzine.

Com a utilização de recursos visuais para explicação no artigo, é notável a importante construção que a pesquisadora conseguiu em sala de aula, que muitas vezes se encontra numa educação completamente desvalorizada, sem a construção da autonomia do aluno. Através de uma perspectiva freiriana, o fanzine se constitui como um exercício de “compreender o mundo, falando de seu tempo.” (p.133).

Bem, como posto ao início dessa resenha, essa obra tem um objetivo claro de estudar esse novo (academicamente) gênero que é o fanzine. Deixando sempre bem

claro que o mesmo é algo longe de amarras. Sem dúvida os três conceitos posto a título da obra são discutidos em diversas perspectivas que em partes se entrelaçam e em outras se estranham formando assim a base para um conhecimento amplo.

Tais conceitos complexos como o de autoria, para construção do sujeito eu's; subjetividade, que foi o grande foco em interpretações diversas; e invenção de si, muitas vezes postos em questões de alteridade para construção de si através do próximo, é sem dúvida discutida em ordem do dia nessa obra, que por sinal é altamente indicada.

Do primeiro fanzine ainda nos anos 30 (do século passado) para cá são mais de 80 anos e é absurdamente impossível de se imaginar que algo tão "espontâneo", sem uma organização metodológica estruturada, ou até utilizando outra forma de organização fora do padrão dito certo, teria a capacidade de virar fonte de pesquisa em diversos campos do conhecimento.